

Teologia da prosperidade 2.0: neoliberalismo, religião e comunicação digital no Dunamis Movement

Prosperity theology 2.0: neoliberalism, religion and digital communication in the Dunamis Movement

Teología de la prosperidad 2.0: neoliberalismo, religión y comunicación digital en el Dunamis Movement

Emily Hozokawa Dias

Universidade de São Paulo | ehokawa@usp.br

Richard Romancini

Universidade de São Paulo | richardromancini@usp.br

Resumo: O artigo discute a adoção da racionalidade neoliberal por movimentos evangélicos conservadores, reforçada a partir do uso da internet. O objeto de estudo é o Dunamis Movement, voltado aos jovens, de grande repercussão nas redes sociais e que tem entre as suas principais pautas a ocupação das esferas da comunicação, da mídia e da política como campos missionários. A metodologia combina discussões teóricas e análises qualitativas de material publicado em plataformas digitais. Entre os principais resultados do estudo está a constatação de que, no contexto da associação entre neoliberalismo e evangélicos nos dias de hoje, há uma atualização na teologia da prosperidade, que adquire novos contornos, no que chamamos de “teologia da prosperidade 2.0”. Observa-se, também, que a comunicação digital dos líderes difere da que é feita pelo movimento e que este possui uma preocupação de construir mensagens com linguagem acessível, de tom leve, que dialogue com os jovens.

Palavras-chave: Dunamis Movement; neoliberalismo; religião; comunicação digital; movimentos evangélicos conservadores.

Abstract: The article discusses the adoption of neoliberal rationality by conservative evangelical movements, reinforced through the use of the internet. The object of study is the Dunamis Movement, aimed at young people, with significant impact on social networks and which has among its main agendas the occupation of the spheres of communication, media and politics as missionary fields. The methodology combines theoretical discussions and qualitative analysis of material published on digital platforms. Among the main results of the study is the observation that, in the context of the association between neoliberalism and evangelicals today, there is an update in prosperity theology, which acquires new contours, in what we call “prosperity theology 2.0.” It was also observed that the digital communication of the leaders differs from that of the movement, and that the movement is concerned with building messages with accessible language, with a light tone, that dialog with young people.

Keywords: Dunamis Movement; neoliberalism; religion; digital communication; conservative evangelical movements.

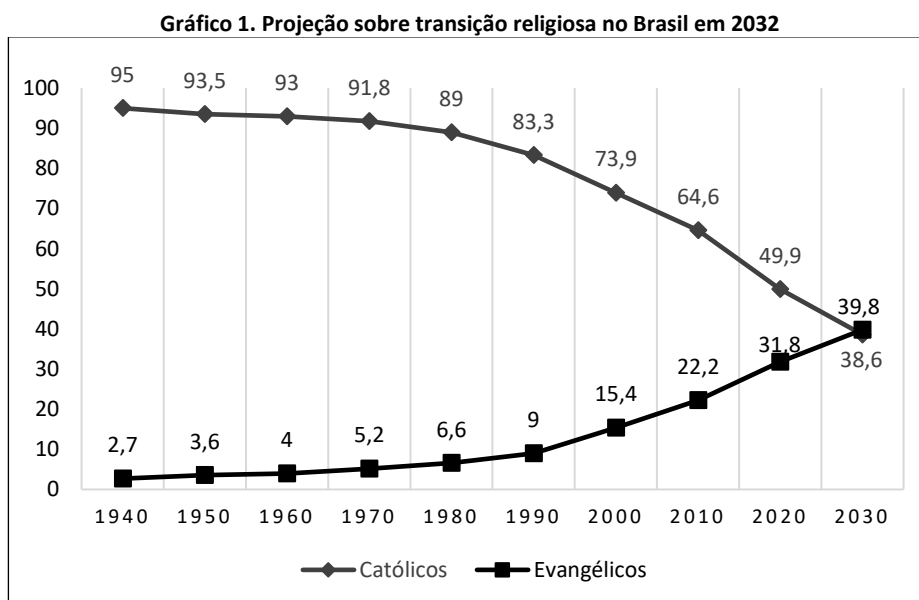
Resumen: El artículo analiza la adopción de la racionalidad neoliberal por parte de los movimientos cristianos conservadores, reforzada por el uso de internet. El objeto de estudio es el Dunamis Movement, dirigido a los jóvenes, con gran repercusión en las redes sociales y que tiene entre sus principales agendas la ocupación de las esferas de la comunicación, los medios y la política como campos misioneros. La metodología combina debates teóricos y análisis cualitativos de material publicado en plataformas digitales. Entre los principales resultados del estudio se encuentra la constatación de que, en el contexto de la asociación entre el neoliberalismo y los cristianos de hoy, se produce una actualización de la teología de la prosperidad, que adquire nuevos contornos, en lo que llamamos “teología de la prosperidad 2.0”. También se observa que la comunicación digital de los líderes difiere de la del movimiento y que éste se preocupa por construir mensajes con un lenguaje accesible, con un tono ligero, que dialogue con los jóvenes.

Palabras clave: Dunamis Movement; neoliberalismo; religión; comunicación digital; movimientos cristianos conservadores.

Introdução

De acordo com alguns diagnósticos clássicos sobre a secularização, o avanço da ciência e da razão poderia enfraquecer a religião, que, por sua vez, perderia adeptos, influência social e política, assim como a ingerência moral e psíquica sobre os indivíduos (SEMÁN, 2018). Entretanto, o cenário atual não confirma plenamente essa tese, pois, como observa Hervieu-Léger (2001, p. 161, tradução nossa), ainda que possa ocorrer perda de prestígio das instituições religiosas, dependendo dos contextos geográficos, o interesse individual pelo espiritual e pelo religioso não sofreu declínio nas sociedades de maneira geral: “Paradoxalmente, as sociedades modernas, confrontadas com as incertezas derivadas da rapidez das mudanças tecnológicas, sociais e culturais, são sociedades onde a crença prolifera”.

Além da proliferação da fé, há mudanças nos modos como ela é vivida. Assim, no Brasil, houve um aumento expressivo dos fiéis evangélicos, que passaram de 5,2%, em 1970, para 22,2% da população, em 2010, somando mais de 42,3 milhões de pessoas, segundo o censo de 2010 (CENSO 2010..., 2012). Conforme projeções, os evangélicos serão a maioria religiosa no país na terceira década deste século (Gráfico 1).



Fonte: Alves (2018), a partir de dados do IBGE (de 1940 a 2010 com projeções para 2022 e 2032).

Concomitante a esse crescimento, houve um salto do segmento religioso nas esferas político-institucionais, como no Congresso, que passou de 21 deputados federais evangélicos, em 1994, para 105 deputados e 15 senadores, em 2020, o que equivale a 20% do quadro (VEJA QUAI..., 2020). Esse número se torna mais relevante quando se analisa o fortalecimento da chamada “Bancada BBB”, cujas letras se referem a bala (armamentista), boi (ruralista) e Bíblia (religiosa). Em termos políticos, a conjunção desses grupos tem

importância, também, ao ter adensado o heterodoxo golpe de 2018, com discursos em defesa da “família tradicional” e dos valores cristãos, contra a “ideologia de gênero”, entre outros temas de contraposição a políticas progressistas. Além disso, conforme Lapper (2021), esses grupos foram a base de apoio da aliança conservadora para o qual convergiram a candidatura e, hoje, o governo de Jair Bolsonaro. A análise demográfica do voto nas eleições de 2018, feita por Nicolau (2020), demonstra a importância do voto evangélico para a eleição do atual presidente.

Igrejas e religiões não são monolíticas em suas diferentes expressões institucionais e no tempo, em relação a suas opções políticas – por exemplo, parte expressiva das igrejas evangélicas apoiou os governos de Lula e o primeiro mandato de Dilma (CUNHA, 2019). Por isso, cabe ressaltar que chamamos de *evangélica* uma religião plural, na qual existe uma diversidade de grupos, inclusive aqueles que atuam em prol da democracia e dos direitos humanos, com movimentos evangélicos antirracistas, feministas e LGBTQIA+.

No entanto, neste artigo, iremos nos debruçar sobre um movimento evangélico conservador pouco investigado, chamado Dunamis Movement, a fim de analisar as intercorrelações entre a racionalidade neoliberal e o conservadorismo político-religioso, especificamente evangélico. Há, nessa iniciativa, uma atualização da teologia da prosperidade, com forte uso da mídia digital, que, como veremos, ganha relevância nas negociações políticas em um novo cenário da comunicação religiosa.

É possível falar em “atualização” da teologia da prosperidade visto que, há mais de um quarto de século, Freston (1994) notou a forte convergência entre essa então ascendente teologia e o neoliberalismo, com sua ênfase no empreendedorismo e na responsabilidade individual, em muitas igrejas evangélicas brasileiras.

Em termos mais atuais, emerge, em vários continentes, segundo Cowan (2021, p. 2, tradução nossa), “uma série variada de conservadorismos etnocêntricos, [com] curiosas misturas de neoliberalismo e nacionalismo econômico e anseios antidemocráticos”. No caso do Brasil, há a aliança entre conservadores e neoliberais no atual Governo Federal, cabendo aos primeiros a agenda administrativa e social, voltada a temas morais (com discursos anticomunistas, antiaborto e pró-armamento, por exemplo), e aos segundos, a gestão econômica.

Ao mesmo tempo, a observação de Wink (2021) de que existe, historicamente, uma forte associação entre a política e o pensamento da direita e a esfera religiosa no Brasil – com uma divisão de papéis, na atualidade, entre evangélicos, que mobilizam eleitores, e católicos que buscam influenciar a elite – evidencia o terreno mais amplo no qual se situa a discussão. Nesse contexto, é importante destacar que a ocupação do espaço político institucional por parte dos religiosos está inserida em um Estado democrático, no qual a representação popular é fundamental. Entretanto, o que a conjuntura política brasileira apresenta são diversos gestores públicos que tomam decisões baseadas na fé, em desacordo com o precoce decreto republicano sobre a laicização do Estado, que determina que nenhuma autoridade federal deve tomar decisões públicas por motivo de crenças ou opiniões religiosas (BRASIL, 1890).

Segundo Pierucci (1999), a separação Estado-Igreja, que garantiu a liberdade de culto e associações religiosas à população, criou um mercado religioso de livre concorrência, no

qual os profissionais religiosos também ganharam liberdade para conquistar fiéis. Diante dessa dinamização de mercado, muitas igrejas adotaram posturas empresariais e inovaram suas ofertas de serviços “mágicos”, tornando-os mais palpáveis e adaptados a necessidades imediatas. Com isso, as religiões mais tradicionais e com maiores dificuldades de mobilização, entre as quais a Igreja Católica, tiveram uma queda em relação aos adeptos, em contraste com as igrejas evangélicas.

Neoliberalismo e religiosidade midiática: Dunamis Movement

A relação entre o neoliberalismo e a religiosidade, há muito apontada, se fortalece e adquire novas facetas a partir das inovações efetuadas pelas igrejas evangélicas, sobretudo no âmbito midiático, para mobilizarem e se comunicarem com seus fiéis. Os líderes evangélicos fizeram grandes investimentos para serem detentores de meios de comunicação próprios, como emissoras de rádio e televisão (ROMANCINI, 2018), além de ocuparem, atualmente, um espaço importante nas redes sociais.

Essas práticas sociais favoreceram o crescimento de estudos e pesquisas sobre a relação entre mídia e religião, num movimento que foi das pesquisas sobre efeitos das transmissões dos religiosos para “uma abordagem compreensiva, que procura entender os tipos de experiências e sentidos que se constroem nas articulações do religioso com o midiático” (SOUSA, 2021, p. 284). Foram gerados, então, diferentes conceitos para tentar esclarecer um fenômeno em mutação.

Campos (2008) relaciona a voracidade de apropriação de mídias às missões de evangelização, mas também à possível percepção dos líderes dessas igrejas sobre uma sociedade individualista e competitiva, características encontradas na racionalidade neoliberal. Cunha (2009, online), por sua vez, destaca a consolidação de uma cultura religiosa que tem na mídia um dos seus aspectos centrais, indo além da dimensão evangelizadora, e propõe a noção de “religiosidade midiática”, que procura sintetizar

o processo de midiaticização da religiosidade (ou prática religiosa individual ou coletiva) [...], um processo de produção de significados por meio do qual cristãos têm buscado se compreender, se comunicar e se transformar, a partir das novas tecnologias e dos meios de produção e transmissão de informação.

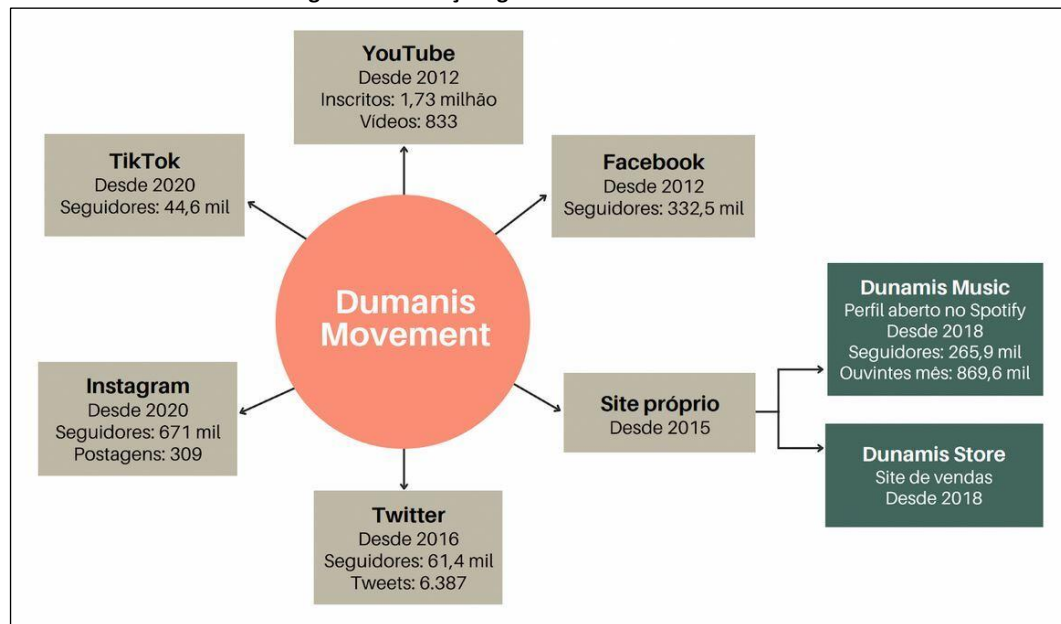
Esse processo é abrangente, contempla diferentes instâncias da relação entre mídia e religião, incluindo a produção de mensagens para mídias digitais. A fim de discutir as afinidades entre canais evangélicos conservadores em plataformas digitais, política e racionalidade neoliberal é que nos voltaremos às publicações do Dunamis Movement¹, dedicado ao público jovem e que desenvolve trabalhos de missões evangelizadoras dentro e fora do país.

O movimento em questão foi selecionado para estudo devido à sua popularidade nas mídias sociais e ao forte uso do ambiente digital (Figura 1), por sua aproximação com a

¹ Como explica o site da iniciativa, *Dunamis* é uma palavra de origem grega que remete ao poder do Evangelho, relacionando dinamite e dinâmica. Em At 4,33, lê-se: “Com grande poder (dunamis) os apóstolos continuavam a testificar da ressurreição do Senhor Jesus e grande favor estava sobre eles”.

política institucional e, especialmente, por suas consonâncias com a racionalidade neoliberal, discutidas no decorrer do texto.

Figura 1. Presença digital do Dunamis Movement



Fonte: Elaboração dos autores. Dados obtidos em: 30 abr. 2022.

O Dunamis caracteriza-se como um ministério evangélico paraeclesialístico – ou seja, não se reconhece como igreja – voltado para o público jovem dos desigrejados, um fenômeno em expansão no país, que corresponde aos “que experimentam da fé correlata à evangélica sem, todavia, fazer uso da instituição como local religioso, de e para práticas religiosas” (SANTOS, 2018, p. 46). Foi fundado no Brasil, em 2008, pelos pastores Téo Hayashi e André Tanaka e pelo missionário Felipe Borges, tendo como meta “despertar uma geração para que ela venha estabelecer a Cultura do Reino de Deus na Terra e assim transformar a sociedade a sua volta”². Os principais mecanismos de evangelização envolvem a atuação em universidades e escolas, com a formação de grupos de oração e de estudos, e na internet, com produção de conteúdo em redes sociais. Percebe-se, portanto, o papel relevante que as mídias podem ter para os objetivos desse movimento, pelo cultivo de uma religiosidade que independe da associação a um espaço diretamente associado ao universo religioso, como um templo. Como se viu, isso seria uma das características da religiosidade midiática.

Conforme o que foi dito até o momento e pela própria opção do objeto empírico, o artigo tem como indagação central o entendimento de como se dá, em termos propriamente

² Informação contida no site do movimento. Disponível em: <<https://bit.ly/3inqVaV>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

midiáticos, a articulação entre religiosidade e neoliberalismo, num estudo de caso qualitativo que destaca características da atuação e mensagens da organização religiosa citada.

Ao nos aproximarmos do projeto neoliberal, notamos outras convergências envolvendo a religião, que talvez possam nos ajudar a compreender esse fenômeno de crescimento evangélico, inclusive nas esferas governamentais, e a chamada “onda conservadora” (BURITY, 2020; COWAN, 2021; NICOLAU, 2020). Por isso, à continuação, destacando a interdisciplinaridade do estudo, iremos efetuar uma discussão, a partir de revisão de literatura, sobre o neoliberalismo e sua racionalidade, na qual algumas características do Dunamis já são assinaladas.

Para além da economia: racionalidade neoliberal

Crises e choques (KLEIN, 2008) estão intimamente atrelados à doutrina do neoliberalismo. Suas propostas surgem em meio a reflexões sobre os impasses do sistema capitalista, no chamado Colóquio Walter Lippmann, que ocorreu na França, em 1938. Essa reunião de intelectuais e pessoas influentes da época formaria as bases da Sociedade Mont Pèlerin, fundada em 1947, contando com a participação, entre outros, de Michael Polanyi, Ludwig von Mises, Milton Friedman e Friedrich Hayek. Este último é autor desta frase:

Eu diria que, enquanto instituição de longo termo, sou totalmente contra ditaduras. Mas uma ditadura pode ser um sistema necessário durante um período de transição. Às vezes, é necessário para um país ter, durante certo tempo, uma forma de poder ditatorial. Como vocês sabem, é possível para um ditador governar de maneira liberal. E é possível que uma democracia governe com uma falta total de liberalismo. Pessoalmente, prefiro um ditador liberal a um governo democrático sem liberalismo (HAYEK apud SAFATLE, 2019, online).

Nessa fala de Hayek, que remete à experiência neoliberal na ditadura de Augusto Pinochet no Chile, em entrevista dada ao jornal chileno *El Mercurio*, em 1981, vemos que o projeto neoliberal não corresponde somente a uma política econômica de desregulamentação estatal visando a maiores lucros do capital financeiro, com desmonte do Estado social e ultraconcentração de renda. O que se tem aqui são maneiras de agir e pensar o mundo que transbordam as barreiras de um sistema econômico. Nesse caso, vemos claramente os vínculos entre autoritarismo e neoliberalismo com a escolha do (neo)liberalismo pela ditadura.

Dardot e Laval (2016, p. 17) revelam o neoliberalismo como uma racionalidade, um sistema normativo que opera empregando a lógica do capital em todas as esferas da vida. Esse mecanismo de conduta teria como maior característica a “generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação”.

O ponto de partida dessa discussão é o conceito de “racionalidade política” de Foucault (2008, p. 311), que se aprofunda na governamentalidade de alguns sistemas econômicos, encontrando tipos de racionalidades na forma com a qual um governo administra a conduta de seus governados. E, ao se debruçar sobre o neoliberalismo, encontra o “empresário de si”, que seria “ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda”. Dardot e Laval (2016) ressaltam assim que a imposição

de conduta, de modo de agir no mundo, não é mais colocada apenas pelo Estado ou por outras instituições, mas agora torna-se internalizada pelo próprio indivíduo, em uma racionalização do que lhe é mais íntimo, do seu próprio desejo. Desse modo, a administração pública fomenta a livre concorrência entre os sujeitos, sendo esses responsáveis pelo sucesso ou fracasso em suas vidas, enquanto os investimentos e proteções como educação, moradia e saúde têm sua responsabilidade transferida da ordem do governamental para o pessoal.

Os autores ainda fazem uma comparação entre a ética do trabalho apresentada por Weber (2008), em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, e a empregada no neoliberalismo. Se, anteriormente, o protestantismo foi marcado por uma ética na qual o sucesso no trabalho era um sinal divino de ser escolhido para habitar o reino dos céus, agora esse gozo se daria “em terra” e só seria alcançado se a condição de assalariado passivo fosse deixada para trás e substituída pelo empreendedor ativo, ou seja, pela empresa de si (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 334).

Esse empreendedor neoliberal pode ser encontrado também na “teologia da prosperidade”, um dos principais pilares da cosmovisão neopentecostal, que “prega a realização das bênçãos de Deus na vida de fiéis por meio de conquistas de bens materiais” (CUNHA, 2016, p. 6). Mas essa relação entre neoliberalismo e evangélicos parece se acentuar hoje, adquirindo novos contornos e sentidos, particularmente em termos da junção entre conservadorismo moral e religioso e “salvação” pela crença no mérito e no esforço individual que se torna programa de ação individual e político. Ao mesmo tempo, conteúdos e discursos desse tipo encontram na comunicação digital forte meio de propagação, dando forma ao que chamamos de “teologia da prosperidade 2.0”.

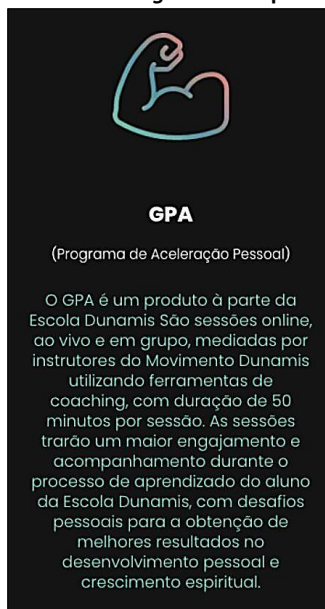
Essa lógica, vale destacar, corresponde às diretrizes de vários movimentos evangélicos, entre os quais o Dunamis, que propõe a racionalidade do “faça você mesmo”, do crescimento pessoal e espiritual “aqui e agora” e da ocupação de cargos políticos como modalidade de prática religiosa, com a chamada “teologia do domínio”. Esses vínculos também envolvem a adoção de estratégias de marketing empresarial contemporâneas, de forma a produzir uma enorme quantidade de peças publicitárias para as plataformas digitais, com estéticas que correspondem ao público de destino, fazendo com que o fiel se sinta único e fora dos padrões estéticos empregados de maneira preconceituosa aos cristãos.

O movimento é menos restrito quanto a roupas, tatuagens e piercings, por exemplo, sendo isso mais uma atração aos jovens que não se sentem acolhidos nas igrejas tradicionais. Aqui, há aproximações com a estética da cultura popular massiva que encontram ressonância na chamada religiosidade midiática, uma vez que se observa a mescla do mundano com o sagrado. Além disso, há aplicação de técnicas de *coaching* no Dunamis, correspondendo ao que Pierucci (1999) já havia apontado sobre a atualização das religiões com táticas de arrebatar fiéis em meio à livre concorrência no mercado místico.

Na Figura 2, vemos, como exemplo, o Programa de Aceleração Pessoal (GPA), um treinamento de *coaching* oferecido pelos instrutores do Dunamis Movement, encontrado no site da Escola Dunamis, que oferece cursos a distância. Entre os aspectos que destacamos está o aprimoramento de “desenvolvimento pessoal e crescimento espiritual”, que mostra a união entre o espiritual e o empresarial de si, de maneira a aproximar questões esotéricas (com promessas de resultado mediante a desafios cumpridos pelo aluno) a técnicas de

coaching, que teriam “como objetivo fortalecer o eu, adaptá-lo melhor a realidade, torná-lo mais operacional em situações difíceis” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 339).

Figura 2. Treinamento de *coaching* oferecido pelo Dunamis Movement



Fonte: Reprodução. Escola Dunamis.

Disponível em: <<https://bit.ly/3Fj7xVJ>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

Já o curso principal da escola tem como objetivo a formação de líderes, alinhando a vida dos participantes a perspectivas divinas. Entre os resultados oferecidos pelo curso, estão: “aumentar a sua influência e liderança pessoal”, “se manter constante”, “ter clareza para cumprir o seu propósito”, “alcançar seu *next level*”, “viver o Dunamis Lifestyle”, entre outros. Aqui, também notamos elementos relacionados ao procedimento de Programação Neurolinguística (PNL), que tem como chave para obtenção de sucesso o aprimoramento da comunicação de si e da comunicação com os outros. Os problemas que o indivíduo possui não são solucionados devido às suas falhas de comunicação, ou seja, os problemas do sujeito são individuais, assim como as resoluções. Além disso, aprendendo tais técnicas, a comunicação no trabalho de evangelização iria melhorar, gerando assim um ciclo de prosperidade com aumento em desempenho pessoal e institucional. No próximo tópico, veremos, com mais detalhes, características desse movimento e dos conteúdos inseridos em suas mídias digitais, bem como seus vínculos neoliberais.

Dunamis Movement, plataformas digitais e neoliberalismo

Como já colocado, o Dunamis atua em universidades e escolas e na internet, com produção de conteúdos em redes sociais digitais. Nesses espaços, os líderes do movimento

transmitem o Dunamis Lifestyle, difundindo, de modo irreverente, condutas para “viver em Cristo” – como na transmissão de mensagens de cunho moral sobre o “feminismo e seu incentivo à sexualização infantil”, em vídeo do YouTube³ –, até estéticas, com o uso de vestimentas “descoladas” da marca Dunamis, vendidas na Dunamis Store⁴. Digno de nota, aliás, é a frequência com que palavras em inglês, desde o título dessa organização, entram no vocabulário corrente das mensagens: *store*, *freestyle* (Figura 3), *friday night*, *sold out*, entre outras. Isso é uma provável estratégia para elaborar um discurso “jovem”, mas, também – quando se sabe que o Dunamis oferece formações, em vários países, bilíngues ou totalmente em inglês (SILVA, 2020, p. 31) –, pode estar ligado a uma vocação internacionalista do ministério.

Figura 3. Publicação no Instagram sobre o Dunamis Lifestyle (7 jun. 2021)



Fonte: Reprodução. Instagram @dunamismovement.

Disponível em: <<https://bit.ly/3vZrsD5>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

Diante do abandono social e da falta de identificação de muitos jovens com as igrejas tradicionais – além do contexto recente da pandemia –, é possível argumentar que, dentro de casa, a internet é um meio para um acolhimento religioso. Para Martín-Barbero (2009, p. 152), “as pessoas estão cada vez mais isoladas, mais sozinhas, também nos países latinos, e os meios começam a ter uma importância enorme em termos do que chamamos de ‘cultura a domicílio’”, o que abre espaço para formas alternativas de espiritualidade nas mídias. Operando na lógica do neoliberalismo e de como as mídias podem modificar aspectos

³ No vídeo *Feminismo x Cristianismo*, representantes do movimento falam sobre como o feminismo é contra os cristãos e, especialmente, contra as mulheres cristãs. Disponível em: <<https://bit.ly/3MCqIum>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

⁴ Como indica a Figura 1, Dunamis Store é um site de venda de produtos religiosos, incluindo roupas e acessórios, que pode ser acessado a partir do site principal do Dunamis Movement ou de forma independente.

culturais, a internet talvez contribua com uma experiência da fé transformada, em que o sofrimento é responsabilidade individual, assim como a felicidade, que pode ser encontrada rapidamente em vídeos do YouTube, em podcasts ou em programas de TV e de rádio.

Se o evangelismo histórico e o pentecostalismo das primeiras gerações adotavam a paixão de Cristo como uma narrativa-mestre, a terceira onda⁵ reverte a função política e moral do sofrimento. De agora em diante, o sofrimento liga-se com fracasso, com falta de fé e com incerteza na enunciação do próprio desejo no quadro da confissão positiva. “Pare de Sofrer”, procure o “Pronto-Socorro Espiritual 24 horas”, os programas de rádio ou televisivos disponíveis (DUNKER et al., 2020, p. 239-240).

Nessa nova gramática conectada à lógica neoliberal, a salvação coletiva é substituída pela individual e pelo “neopentecostalismo de resultados” (DUNKER et al., 2020, p. 239), no qual nenhum sacrifício é feito sem perspectiva de retorno em vida, ou seja, os resultados não serão mais obtidos em um futuro remoto do pós-morte. Essa resposta imediata é um alento para aqueles que são mais excluídos socialmente na lógica neoliberal, sendo uma resposta à precariedade na qual estão colocados. Segundo Gonsalves, Dunker e Estevão (2021, p. 49, tradução nossa), trata-se de uma

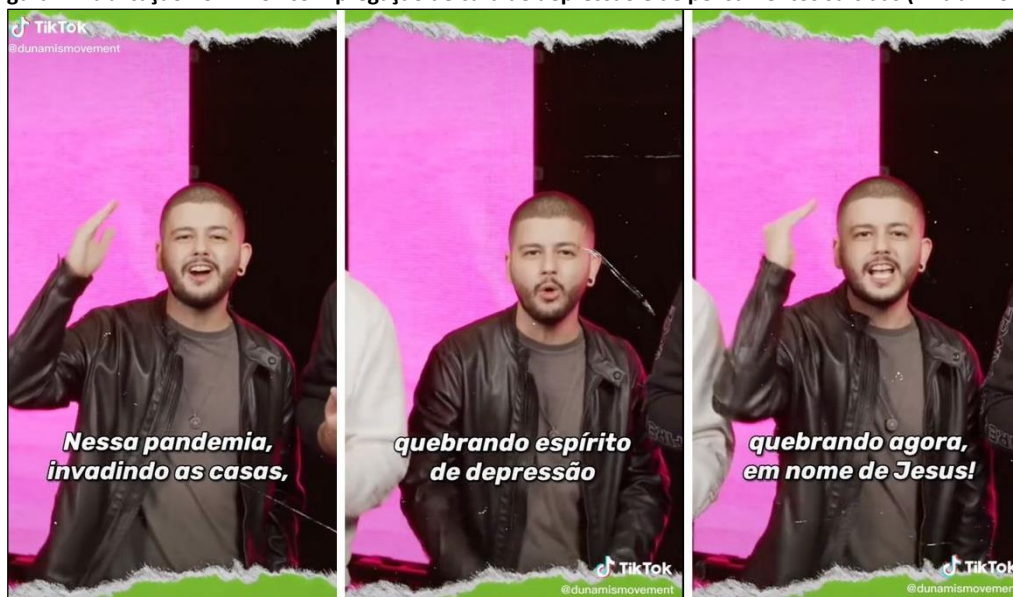
religiosidade que se espalha pelo Brasil de modo sincrônico com absorção e reação ao neoliberalismo, ou seja, notadamente a partir dos anos 1990 e com estreita ligação com as classes e os territórios nos quais o Estado se demitiu, estimulando uma espécie de livre-iniciativa projetada no deserto do capital e na precariedade das formas de vida.

Conforme aponta Miklos (2010), líderes de diversas religiões enxergam os canais de comunicação eletrônicos, em especial os interativos, como locais importantes para o cotidiano dos fiéis, no qual possam encontrar conforto quando estão longe das igrejas, o que de alguma forma emularia o convívio social. Entretanto, cabe ressaltar outro interesse: o de compreender os canais religiosos eletrônicos como poderosos veículos de comunicação de massa, os quais concentram grande número de fiéis seguidores, tornam-se interessantes econômica e politicamente.

Nota-se que o Dunamis Movement reconhece essa importância dos meios, oferecendo conforto a seus seguidores, com posts de pregação nas redes sociais. Na Figura 4, por exemplo, vemos uma pregação feita no TikTok – rede conhecida por seus vídeos curtos –, durante a pandemia de Covid-19, para a “quebra do espírito” da depressão e dos pensamentos suicidas. No caso ilustrado, o vídeo, apesar da temática complexa, possui apenas 21 segundos de duração. Além disso, o ministério reconhece sua dimensão nas plataformas digitais, uma vez que reforça, em diversos conteúdos publicados, a relevância das redes sociais e a quantidade de visualizações e seguidores que possui (Figura 5).

⁵ Para os autores, a terceira onda de avanço do pentecostalismo no Brasil é neopentecostal. Esta teve início em 1977, com a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), no Rio de Janeiro, e tem como características o neopentecostalismo de resultados e a teologia da prosperidade.

Figura 4. Publicação no TikTok com pregação de cura de depressão e de pensamentos suicidas (21 abr. 2021)



Fonte: Reprodução. TikTok @dunamismovement.
Disponível em: <<https://bit.ly/3yiHPxw>>. Acesso em: 1 maio 2022.

Figura 5. Publicação no Instagram sobre a marca de 500 milhões de visualizações no YouTube (6 dez. 2021)



Fonte: Reprodução. Instagram @dunamismovement.
Disponível em: <<https://bit.ly/384jKJL>>. Acesso em: 3 maio 2022.

O ministério religioso faz parte de uma iniciativa maior chamada The Send, que reúne diversos ministérios pelo mundo, a maioria deles nos Estados Unidos, que tem como

missão a “reevangelização da América”. Além do Dunamis, estão “colaboradores” como Circuit Riders, Jesus Image, Lifestyle Christianity, Youth With A Mission e Jovens Com Uma Missão (JOCUM), que têm em seu histórico diversos confrontos com a Fundação Nacional do Índio (Funai), em função de seu trabalho de evangelização dos povos indígenas (MOVIMENTO..., 2020).

O The Send tem origem no projeto The Call Ministries, fundado pelo evangelista estadunidense Lou Engle, que é identificado pelo jornal *Daily Kos* como “líder de oração não oficial do Partido Republicano”. No início dos anos 2000, o líder religioso reunia milhares de jovens, também em estádios, em eventos chamados The Call, nos quais aconteciam apresentações musicais, pregações e discursos políticos de moral conservadora. Os eventos e as casas de oração de Engle se espalharam por diversos países. Em Uganda, Engle defendeu, em um dos eventos, a lei, que estava em estudo no país, que previa prisão perpétua ou pena de morte para gays e lésbicas com Aids que tivessem relações sexuais⁶.

Tendo como principal organizador o Dunamis Movement, em fevereiro de 2020 aconteceu o primeiro The Send Brasil, pouco antes da pandemia da Covid-19, e reuniu cerca de 170 mil pessoas simultaneamente nos estádios Morumbi e Arena Allianz Parque, em São Paulo, e Mané Garrincha, em Brasília (THE SEND BRASIL..., 2020). Além de mais de 2 milhões de internautas, que acompanharam o evento ao vivo pelo YouTube. Os ingressos foram vendidos por valores de 29 a 49 reais, possibilitando a presença de jovens de classes sociais menos abastadas, que correspondem à grande maioria dos brasileiros que se declaram evangélicos⁷.

Segundo Campos (2008), as mudanças em relação aos meios de comunicação teriam alterado também as práticas dos cultos religiosos, sendo essa uma dimensão da religiosidade midiática. Se, antes, o protestantismo histórico era a “religião do livro” e mais racional, o neopentecostalismo seria mais emocional e relacionado à mídia eletrônica. De acordo com Castells (2018, p. 26),

nesse mundo, as mensagens midiáticas que formam opinião devem ser extremamente simples. Sua elaboração é posterior ao seu impacto. A mensagem mais impactante é uma imagem. E a imagem mais sintética é um rosto humano, no qual nos projetamos a partir de uma relação de identificação que gera confiança. Porque, como sabemos, aprendendo da neurociência mais avançada, a política é fundamentalmente emocional, por mais que isso pese aos racionalistas ancorados em um Iluminismo que há tempos perdeu seu brilho.

O autor se refere, de modo mais direto, aos discursos políticos. No entanto, o que diz se encaixa de maneira significativa em práticas comunicativas como as mostradas até

⁶ Essas informações foram verificadas pelo Coletivo Bereia, que faz parte da Rede Nacional de Combate à Desinformação (DINIZ; FARIAS; CAMPOS, 2020).

⁷ Segundo pesquisa do Instituto Datafolha, realizada em 2020, o perfil dos evangélicos é de maioria feminina (58%), parda (43%) e com renda de até dois salários-mínimos (48%) (BALLOUSSIER, 2020).

aqui. Isso indica uma aproximação ou moldagem da lógica midiática a diferentes esferas sociais, como defendem os teóricos da midiaticização.

O *The Send Brasil 2020* contou com a presença da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, e do presidente da República, Jair Bolsonaro. Ambos falaram sobre a luta que as igrejas devem travar contra a violência em relação a mulheres e crianças e sobre a temência a Deus na conduta de uma política honesta. Para finalizar, o presidente ainda trouxe o slogan “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, sendo fervorosamente ovacionado pelo público⁸.

Implicações e omissões das mensagens do Dunamis Movement e de seus líderes

Segundo Brown (2019, p. 17), a ascensão de políticos nacionalistas autoritários e de valores religiosos conservadores poderia ter origem na “raiva instrumentalizada dos indivíduos abandonados economicamente e ressentidos racialmente, mas também delineada por mais de três décadas de assaltos neoliberais à democracia, à igualdade e à sociedade”. Na construção de seus argumentos, a filósofa faz referência à *Genealogia da moral*, de Nietzsche, segundo quem a moralidade judaico-cristã teria em sua fundação afetos como o ressentimento, o rancor e a vingança, uma vez que nasceu dos que sofriam em um sistema de valores que valorizava “a força, o poder e a ação”.

Essa mágoa destrutiva seria traduzida hoje pelo homem branco que sentiria raiva pelo destronamento de seus valores, que teriam sido dominantes até então, mas também por ter sido abandonado economicamente. Brown (2019) faz uma análise do governo do presidente estadunidense Donald Trump, na qual avalia que cristãos brancos moradores das periferias urbanas e das zonas rurais dos Estados Unidos foram excluídos social e economicamente, e os sentimentos de abandono e traição teriam sido manipulados pelas direitas conservadoras para um sentimento de ódio e vingança. Ódio contra “minorias”, como negros, mulheres e imigrantes.

Esse (res)sentimento foi alimentado pelo novo populismo de extrema-direita, e a narrativa vendida foi a de recuperar os valores familiares e cristãos perdidos, assim como tomar os empregos dos imigrantes parasitas do território dos Estados Unidos. Se compararmos com o Brasil, é possível observar o mesmo rancor em relação às “minorias”, traduzido comumente em violência e fomentado institucionalmente.

Em agosto de 2020, a ministra Damares Alves criticou, em suas redes sociais, o caso de uma menina de dez anos que, violentada pelo tio, iria realizar o aborto. A família da menina foi assediada moralmente por evangélicos conservadores e teve dificuldades para realizar o procedimento – o médico responsável foi chamado de assassino por manifestantes religiosos que ficaram em vigília no hospital.

Esse tipo de posicionamento, de uma ministra que se coloca contra a lei, é entendido por muitos como liberdade de expressão religiosa, uma vez que Damares teria expressado sua opinião em uma rede social pessoal. A mesma estratégia é empregada pelos líderes do Dunamis Movement. Declarações “mais polêmicas”, como aquelas contra o aborto, contra

⁸ O vídeo com o discurso de Bolsonaro está disponível em: <<https://bit.ly/38KjISJ>>. Acesso em: 16 out. 2021.

o casamento homossexual e pedindo intervenção militar, entre outras, são inseridas, em sua maioria, nas redes sociais pessoais desses líderes, *mas não na página oficial do grupo*.

Henrique Krigner, um dos líderes do movimento, se candidatou em 2020 à vereança da cidade de São Paulo pelo Partido Progressista (PP) e obteve mais de 16 mil votos nessa primeira tentativa, não sendo eleito devido ao quociente eleitoral. Ao observar as publicações sobre a candidatura, nas quais defendia questões morais conservadoras, notamos que isso se dava de maneira intensa nos perfis pessoais nas redes sociais dos integrantes do ministério, mas não de modo direto nos perfis do Dunamis. Uma interpretação possível é a de não associar o ministério a instituições político-formais, como os partidos, com possível receio quanto a opiniões negativas e perda de seguidores. Seria, ainda, uma forma de justificar as escolhas políticas feitas como liberdade de expressão de um membro, e não do grupo (apesar de os líderes apoiarem a candidatura em publicações pessoais).

Figura 6. Publicação no Instagram de Henrique Krigner sobre demissão do jogador de vôlei Maurício Souza por ter feito um post homofóbico nas redes sociais (28 out. 2021)



Fonte: Reprodução. Instagram @krigner.
Disponível em: <<https://bit.ly/3sjlfRo>>. Acesso em: 3 maio 2022.

Ao analisar um caso de homofobia, no qual um confeitiro cristão se recusou a fazer um bolo para um casamento homossexual, Brown (2019) acompanha o andamento do caso jurídico e verifica que a defesa do acusado tenta argumentar por meio da defesa da “liberdade de expressão” – como vemos no argumento indignado de Krigner sobre a demissão de um atleta (Figura 6) – e da “liberdade do exercício religioso”. A autora sinaliza que o caso vai se afastando da proteção à prática religiosa e se aproximam da “proteção de dissenso político”, criando uma situação judicial na qual a liberdade de religião é usada

criando um “palco de habilitação da discriminação, ou, na verdade, do cerceamento das leis de igualdade” (BROWN, 2019, p. 172).

Cooper (2017, p. 302, tradução nossa) aponta que essa jurisprudência de “liberdade religiosa” é também utilizada constitucionalmente para promover a relação entre Igreja e Estado. A sociológica analisa diversos governos estadunidenses, como os de Ronald Reagan, Bill Clinton, George W. Bush e Barack Obama, e observa em todos eles o movimento de aproximação entre a direita cristã e o Estado, no qual organizações religiosas solidificam sua presença na política adentrando com investimentos no campo do bem-estar social.

Desta maneira, expandem suas liberdades institucionais e impõem valores morais, como em um caso, durante o governo de Reagan, no qual a ala religiosa se sentia vitoriosa com a eleição de um presidente que correspondia aos pedidos das organizações cristãs, que, por sua vez, tinham poder institucional e pressionaram emendas a favor da limitação de financiamentos públicos para abortos, assim como paralisou ações públicas federais que auxiliavam pessoas com Aids.

Retomando Brown (2019, p. 198), esse mecanismo de alimentação de valores conservadores morais do neoliberalismo pode ser compreendido também com auxílio do conceito de niilismo, de Nietzsche, para quem a era do niilismo não seria a era do fim dos valores, mas sim o esvaziamento dos valores mais elevados, tais como as “virtudes cristãs junto com a democracia, igualdade, verdade, razão e responsabilidade”, que não se perdem, mas se instrumentalizam para fins políticos e comerciais, gerando mais niilismo. O niilismo da sociedade contemporânea faria com que ela permitisse atitudes como as apresentadas por Damares, assim como as falas mais absurdas feitas por Bolsonaro ou por Trump, ou, ainda, destacando especificamente a dimensão comunicacional do fenômeno: as *fake news*.

De acordo com Pérez Guadalupe (2020), os entrelaçamentos entre o conservadorismo moral e religioso, o programa neoliberal e a política podem ser reconhecidos na formação da teologia da prosperidade, atrelada ao Partido Republicano dos Estados Unidos, nos anos 1980, e sua facção autodenominada “maioria moral”, que, nos anos 2010, teria se articulado a movimentos de apoio à candidatura e ao governo de Donald Trump. Antes disso, a teologia da prosperidade foi exportada para a América Latina.

Nessa importação, vieram também as igrejas eletrônicas, que surgem no Brasil na década de 1980, com emissoras de rádio e televisão que, no Brasil, por serem concessões públicas, têm na “outorga uma forte moeda de troca política” (MIKLOS, 2010, p. 32). Entretanto, com a atualização das mídias também foram alteradas as relações de poder dessas trocas; uma vez que a posse dos meios não é mais do Estado, os próprios líderes religiosos tornam seus canais nas redes sociais uma mercadoria com grande poder de barganha, dependendo da intensidade de seu alcance. Ou seja, nesse novo momento comunicacional, canais populares, ainda que de nicho, como os do Dunamis e os de seus líderes, tornam-se espaços politicamente interessantes – em especial, para a política conservadora ideologicamente alinhada com o movimento.

Considerações finais

Este artigo buscou contribuir, sob um viés comunicacional, com a discussão a respeito do entrelaçamento de temas como o conservadorismo moral e político, a racionalidade

neoliberal e a religião evangélica, analisando um movimento religioso conservador menos conhecido e investigado, mas que é referido por Fonseca (2020) como um dos “novos protagonistas” no apoio ao governo de Jair Bolsonaro: o Dunamis Movement.

Destacamos a relevância de pesquisas científicas sobre esses “novos protagonistas”, uma vez que a grande maioria dos estudos sobre organizações evangélicas se concentra em grandes igrejas, como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e as Assembleias de Deus. Essas igrejas possuem, de fato, relevância político-institucional no país; entretanto, novos atores, como o Dunamis, vêm ganhando importância e se engajam politicamente, com ações sistemáticas merecedoras de análise e de crítica, particularmente, quando trazem ameaça à democracia e aos direitos humanos (CUNHA, 2020).

Observamos, nas conexões interdisciplinares do artigo, um possível novo arranjo da teologia da prosperidade, na qual a comunicação digital surge como peça central das relações de poder. Valeria a pena aprofundar a comparação entre a teologia da prosperidade original e seu desenvolvimento, no que chamamos de “teologia da prosperidade 2.0”. Isso não é feito aqui, por falta de espaço. Pode ser, contudo, apontado o atual reforço da individualidade em oposição à congregação dos cultos em igrejas, de modo que as plataformas digitais se consolidam como espaços de pregação cada vez mais fortalecidos e “personalizados”, o que é realçado no caso do movimento analisado por ser voltado ao público jovem.

Na perspectiva de Solano e Rocha (2022), em pesquisa sobre juventude na América Latina e democracia, os jovens não se sentem representados por partidos políticos e fazem diversos apontamentos de âmbito comunicacional – entre eles, sentem falta de conteúdos relevantes e verídicos sobre educação política dentro e fora dos bancos escolares, além de não ocuparem os espaços de produção da informação. As autoras entendem que a ocupação dos meios é de grande importância para a formação de uma comunicação popular que faça oposição aos movimentos pautados pelo conservadorismo político-religioso.

Nota-se que o Dunamis utiliza as principais redes sociais e faz uma ampla difusão em cada uma delas com a criação de diversos perfis e se adequando a cada plataforma. Por exemplo, no Instagram, o movimento possui contas específicas para cada ação, tais como @dunamis.music, @dunamispocket, @escoladunamis, entre outras, além das contas em espanhol, @movimientodunamis, e em inglês, @thedunamismovement. Nessa plataforma, as imagens chamativas, com textos curtos de linguagem simples e divertida, atraem visualizações e instigam o consumo por mais conteúdos desenvolvidos pelo grupo. Se no Instagram temos essa característica, no YouTube estão disponíveis vídeos com mensagens mais elaboradas, mas também com linguagem acessível e direcionada ao público jovem, com uso de gírias e de humor. Entender mais sobre os mecanismos de elaboração e a linguagem dessas mensagens também é uma sugestão para estudos futuros.

As eleições de 2018 foram marcadas por uma ruptura com os moldes convencionais, até aquele momento, de campanha e de comunicação política. O novo padrão elaborado demanda uma significativa estrutura na internet – conforme movimentos como o Dunamis, que parece efetuar grande investimento em marketing para propagar sua ideologia nas mídias sociais, têm compreendido. Esse entendimento também se dá por parte dos grupos progressistas?

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. Transição religiosa – Católicos abaixo de 50% até 2022 e abaixo do percentual de evangélicos até 2032. *EcoDebate*, 5 dez. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/3ONZpz4>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. *Folha de S.Paulo*, 13 jan. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3w2Zmad>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

BRASIL. *Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890*. Prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias. Rio de Janeiro, 1890. Disponível em: <<https://bit.ly/3FaXnVh>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.

BURITY, Joanildo. Itinerário histórico-político dos evangélicos no Brasil. In: PÉREZ GUADALUPE, José Luis; CARRANZA, Brenda (Orgs.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 195-215.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e mídia no Brasil – Uma história de acertos e desacertos. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, ano 8, p. 1-26, set. 2008.

CASTELLS, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CENSO 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. *IBGE*, 29 jun. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3y620yy>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

COOPER, Melinda. *Family values: between neoliberalism and the new social conservatism*. New York: Zone Books, 2017.

COWAN, Benjamin A. *Moral majorities across the Americas: Brazil, the United States, and the creation of the religious right*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2021.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação*. Salvador: Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, 2020.

_____. Os processos de midiaticização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 26, n. 1, e30691, p. 1-20, jan./abr. 2019.

_____. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2016.

_____. Religiosidade midiática em tempos de cultura “gospel”. *Tempo e Presença Digital*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 5, abr. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/3OQwjz7>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DINIZ, Naira; FARIAS, Marina; CAMPOS, Lázaro. Movimento The Send Brasil é criticado por doutrinar politicamente jovens evangélicos. *Bereia – Informação e Checagem de Notícias*, 4 set. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3F8BOEJ>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

DUNKER, Christian et al. Para uma arqueologia da psicologia neoliberal brasileira. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 215-254.

FONSECA, Alexandre Brasil. Mídias, religiões e política no Brasil de Bolsonaro. In: PÉREZ GUADALUPE, José Luis; CARRANZA, Brenda (Orgs.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 309-327.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994.

GONSALVES, Rodrigo; DUNKER, Christian; ESTEVÃO, Ivan. Neopentecostalism as a neoliberal grammar of suffering. *Continental Thought & Theory: A Journal of Intellectual Freedom*, Christchurch, v. 3, n. 2, p. 48-63, jan. 2021.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Individualism, the validation of faith, and the social nature of religion in modernity. In: FENN, Richard K. (Ed.). *The Blackwell companion to sociology of religion*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2001. p. 161-175.

KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LAPPER, Richard. *Beef, Bible and bullets: Brazil in the age of Bolsonaro*. Manchester: Manchester University Press, 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevista concedida a Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *MATRIZES*, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 143-162, 1º sem. 2009.

MIKLOS, Jorge. *A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião*. 2010. 145 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

MOVIMENTO The Send Brasil é criticado por doutrinar politicamente jovens evangélicos. *Bereia – Informação e Checagem de Notícias*, 4 set. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3sk3RvN>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita*. Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PÉREZ GUADALUPE, José Luis Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana. In: PÉREZ GUADALUPE, José Luis; CARRANZA, Brenda (Orgs.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 17-109.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Fim da união Estado-Igreja ampliou oferta de religiões. *Folha de S.Paulo*, 26 dez. 1999. Disponível em: <<https://bit.ly/3ylzoS6>>. Acesso em: 3 maio 2022.

ROMANCINI, Richard. Do “kit gay” ao “monitor da doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 2, p. 87-108, ago./nov. 2018.

SAFATLE, Vladimir. A ditadura do sr. Guedes. *El País*, 5 dez. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3LBwb4j>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

SANTOS, Douglas Alessandro Souza. *Os desigrejados: um caso de reconfiguração religiosa entre os evangélicos brasileiros no contexto da modernidade radicalizada*. 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

SILVA, Raquel Santos da. *Processo de internacionalização das igrejas IBL e Zion Church em países desenvolvidos*. 2020. 50 f. Monografia (Bacharelado em Comércio Internacional) – Universidade de Caxias do Sul, 2020.

SEMÁN, Pablo (Org.). *Religiões e política em tempos de mudança*. São Paulo: Baioneta, 2018.

SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (Coords.). *Juventudes e democracia na América Latina*. London: Luminete, 2022. Disponível em <<https://bit.ly/3kR0fgA>>. Acesso em: 3 maio 2022.

SOUSA, Marco Túlio de. Igreja eletrônica, religiosidade midiática, religiosidade midiaticizada: conceitos para pensar as relações entre mídia e religião. *MATRIZES*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 275-298, jan./abr. 2021.

VEJA QUAIS deputados e senadores fazem parte da bancada evangélica. *Congresso em Foco*, 15 set. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3KyLCJn>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WINK, Georg. *Brazil, land of the past: the ideological roots of the new right*. Cuernavaca: Bibliotópia, 2021.

Emily Hozokawa Dias

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Richard Romancini

Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).